

WAGNER UARPÊIK

Libertalia

PIRATARIA ANARQUISTA & ANARCONINJISMO

ESPREITA



<i>Sobre a terceira edição</i>	[7]
<i>Apresentação</i>	[11]
<i>Origem da irmandade Libertalia</i>	[17]
<i>“Manifesto Anarconinja</i>	[21]
<i>“Manifesto Anarcopirata</i>	[35]
<i>Como sabotar e destruir uma rede social, e enriquecer com isso</i>	[53]
<i>Existe vida após a morte... das redes sociais</i>	[57]
<i>O crime revolucionário compensa? [ou: fazer justiça é justo?]</i>	[60]
<i>Sobre o autor</i>	[63]

Apresentação

[DANIEL LIBERALINO*]

Asseado leitor, sou o *wingman* do nosso autor; você, o alvo. Nada faríamos que você não quisesse. Assim, cuidado.

Proponho um amistoso vodu *au petit déjeuner*. Aplicando à borra de Nescafé nesta xícara as técnicas da nescafeomancia assíria, invocando o telurismo oracular dos espíritos ctônicos da Nestlé Ltda, revelam-me estoutros que vossa tara é a liberdade. Mas não o creio; que é a liberdade, senão a condenação ao fardo de preencher o tempo. Confessemos-lo de vez, vicejante leitora, somos preguiçosos. Deixemos aos verdugos o trabalho sujo de garimpar por nossos interesses. Que decidam eles a mais confortável posição a ser ocupada, por nosso pescoço, na guilhotina do cotidiano.

Ou talvez lhe acometa o entusiasmo dos incautos, quiçá uma crise de meia-idade, essa menopausa metafísica em vestes de revolta. Você quer vencer o sistema, taludo soldado interlocutório. O Leviatã cederá humilhado aos argumentos do seu blog. Seu selfie moral arrebanhará moedinhas de Super Mario nas “pandemias comportamentais sob encomenda”. As faixas e hashtags pacifistas comoverão o maquinário até um debacle por esgotamento lacrimal. Sucumbirá o faminto Gargântua ao vosso requinte sub-higienizado de vender miçangas no praião domingueiro, para turistas sexuais, a mais lasciva espécie crustácea, a lagosta de bermuda.

Ou quiçá ainda, como Lobstein, o herói do conto em suas mãos, queira você abraçar sua divina covardia, a benção da sua microscopia reles, seu seráfico mequetrefismo. Somos, confessemos-lo agora e de uma vez, leitor hipócrita, meu irmão, meu símile, tristes insetos. Os ácaros nos suplantaram, tendo ainda a capacidade de induzir a rinite. Mas enquanto altivas lombrigas, função a nós reservada pela

história, sonhemos parasitar o cólon dos nefilins. Vencer para que, se podemos surrupiar os espólios do Golias. A derrota é um nicho subexplorado. Ó Davi, entuba vossa pedrinha e vossa coragem, essa variante de homoerotismo helênico. Só os covardes resistem até o fim. Ó Davi, favelado autocongratulatório, chifrado com um instrutor de lambaeróbica. Com um subgerente do Bamerindus, ou ainda o proverbial *entrepreneur* hipster, que os terá conhecido no TED motivacional, usando microfone de atendente de telemarketing. Davi, que “farejou no ‘anticapitalismo’ uma boa chance de justificar ideologicamente seu fracasso pessoal”. É tarde para reaprender a engatinhar, dirias a Rousseau. E a Marx, talvez:

“Para os miseráveis, putas de luxo num *hovercraft*.”

Se nossa competência autoriza o título nobiliárquico de vermes, me diga você. O que quer Wagner, isto já não sei, isto já não sei. Ora, conforme o teor da feijoada, da última DR ou a direção do vento, acordo absolutista tirolês, pornopapista hipnagógico,

criptochanchadista pós-siesta, rococó tele-onomástico. Camadas de vivífico desencanto, distribuídas em frases de *sniper*, encriptam a mensagem. Relevam os graminívoros o que só os criptogramas revelam: num outono de holofotes, a penumbra é a clareza possível.

* Filósofo, professor e escritor. Autor do livro de contos “Corpúsculo num plano”.

“Ser bom é fácil. O difícil é ser justo.”

[Victor Hugo]

Origem da irmandade Libertalia

Depois que o pai morreu atropelado, em 1998, a adolescência de Julian Lobstein passou a girar ao redor de livros, bares e protestos. A ascensão no meio subversivo foi rápida. Em poucos meses, tornou-se um dos ecoativistas mais conhecidos da Holanda, e em poucos anos, um dos anarquistas mais ativos da Europa.

Aos 25, o talentoso economista e historiador colecionava mais derrotas que vitórias. Os dilemas se multiplicaram quando os melhores “companheiros de luta” começaram a desistir da militância, após adquirir filhos, casar, ou começar a trabalhar em empregos mais absorventes do que bicos e bolsas estudantis. Sem parceiros à altura, Julian não passava de um sonhador pobre, bêbado e solitário.

Durante essa fase de provações, embora tenha começado a suspeitar que sua revolta tinha, no fundo, mais a ver com sua infância do que com a luta de classes, foi mais divertido culpar “o sistema” do que a si mesmo. Então, convencido de que o “capital, o estado e o patriarcado” eram seus maiores inimigos, nosso cientista prodígio escreveu duas promessas na parede do quarto: inventaria uma maneira eficaz de lutar contra o establishment mundial, e enriqueceria logo e “sem explorar a força de trabalho de ninguém”.

Mas o tráfico nunca convenceu Julian: enriquecer às custas de viciados e plantas de poder profanadas era indecente. Começou a pensar em assaltar milionários e clonar cartões de crédito. Quando os planos começaram a amadurecer, o primeiro a saber foi Bonno, o maior “expropriador” de livros de Amsterdã.

“Esqueça o yomango, cara, essa moda universitária de classe mérdia: precisamos de algo mais recompensador! Bons crimes, de verdade! Tenho pensado demais em como o trabalho pode atrapalhar tudo que quero

descobrir e fazer, sabe? Continue sendo um bom rapaz, e algum dia te falarei sobre os abutres-do-novo-mundo!”.

Naquele verão, em uma longa e inspiradora viagem pelo litoral nordestino brasileiro, ele definiu melhor suas pretensões criminais, e começou a escrever o que chamou de “Manifesto Anarcopirata”.

Por outro lado, as recorrentes divergências de Lobstein com os camaradas anarquistas, e um colossal sentimento de impotência diante das “misérias da civilização”, serviram de lenha para uma intensa jornada de estudos em ciências humanas, bélicas, econômicas e detetivescas, em busca de “novos métodos revolucionários”. Esse segundo ciclo de estudos o levou a formular as bases do seu segundo tratado: o “Manifesto Anarconinja”.

Com o tempo, os dois manifestos foram coletivamente lapidados, e deram origem à “Irmandade Libertalia”. O nome foi uma homenagem à mítica colônia de piratas e marginais que teria existido na ilha de Madagascar, no século XVII. Na festa inaugural, diante dos

outros sete amigos e adeptos, Lobstein, o líder fundador, comemorou:

“Meus irmãos de guerra e paz!: acabamos de constituir um organismo revolucionário capaz de sangrar o sistema com uma mão, e saboreá-lo com a outra. Nossa pirataria anárquica investirá especialmente em nossas faculdades positivas, festivas, criadoras. Nosso anarconin-jismo celebrará sobretudo a destruição, o ataque, o poder do negativo. Com a autodefesa financeira piratária e o contra-ataque político-social integrados, honraremos nossa liberdade e nossos descendentes!”.

Depois de espionados por alguns anos, e considerados confiáveis e preparados, os raros eleitos para fazer parte de Libertalia tinham acesso aos manifestos. Após o juramento, no alto de uma montanha, o neófito era finalmente admitido na “nova família”.



“Manifesto Anarconinja

PRINCÍPIOS

Há muitos séculos, nossa espécie tem sido ultrajada por um mesmo dragão de mil faces: a civilização. Soletremos seus três primeiros nomes neolíticos: sedentarismo, propriedade privada e burocratização. Soletremos seus respectivos sobrenomes históricos: decadência fisiológica, dominação de classes e tirania estatal. Depois do paleolítico, a civilização vai se erguer sobre sacos de grãos, que exigem celeiros, que exigem exércitos, que exigem muralhas, e (como zombou André Leroi-Gourhan) “um escriba

para contar os sacos de trigo, fixar os impostos e escrever a história.”.

Toda civilização é imperialista: nos Andes, na Ásia ou no Mediterrâneo, os grandes impérios, antigos, medievais ou modernos, são apenas os tentáculos mais potentes de um monstro que não parou de crescer, escravizar e colonizar, desde que os primeiros processos de sedentarização agrícola começaram a se espalhar pelo planeta.

Os grandes tiranos, a fome, a loucura, a ciência fascista, o capitalismo, a bomba atômica, não são filhos bastardos da catástrofe civilizada: são filhos oficiais, esperáveis, previsíveis. A civilização foi o maior erro da humanidade. Talvez um erro inevitável. Mas um erro imperdoável.

Obviamente, somos obrigados a reconhecer que o mundo pós-paleolítico não foi um desastre completo. Sonhar que o paleolítico foi um paraíso, e que é preciso regressar aos tacapes, é mais preguiçoso do que presumir que os povos civilizados têm vagado entre o quinto e o sétimo inferno. Entretanto, as comodidades e maravilhas criadas pela civilização foram feitos

colaterais do tripé sedentarismo-propriedade-burocracia, não seus propósitos fundadores.

A natureza do homem não é má: nossas sociedades têm falhado em engendrar indivíduos saudáveis, livres, satisfeitos. Após estudar os pormenores históricos de vários agrupamentos humanos, entendemos que o fator civilização aparece como elemento decisivo para o fracasso de inúmeras coletividades e individualidades. Sem dúvida, a presença desse fator gera condições contrárias ao melhoramento moral e intelectual da espécie.

A civilização ocidental tem violentado a Mãe Terra e os seres humanos mais do que qualquer outro império conhecido foi capaz. Nossos prognósticos físicos e geopolíticos indicam que a escassez da água, as próximas guerras [que provavelmente incluirão ataques nucleares] e as incontáveis catástrofes ambientais ligadas ao aquecimento global e à mudança do eixo planetário, destruirão gradativamente boa parte das cidades e populações terrestres. A vaidosa modernidade tardará aproximadamente quatro séculos para colapsar de vez, não

- 10) Visite locais e eventos burgueses com uma equipe de atores, imitando retardados. “Os Idiotas” de von Trier vão te ajudar. “Por favor, ajudem nossa instituição para deficientes mentais!”.
- 11) Com a ajuda de óvnis, mistérios, nudistas, gnomos, uma exótica seita religiosa, ou qualquer bobagem digna de epidemia midiática, inaugure uma nova zona de turismo, e lucre o máximo que puder como principal guia turístico ou especialista na novidade.

CONSELHOS COMPLEMENTARES

- a) Varie o cardápio de técnicas com frequência: as investigações policiais se alimentam de padrões, e tendem a ignorar as imaginações ladinhas mais versáteis e criativas;
- b) Conheça as leis, argumentos jurídicos e hábitos policiais convenientes à sua atividade profissional;

- c) Jamais se esqueça: se um crime não serve para melhorar a vida e o coração dos delinquentes, está ajudando o sistema;
- d) De preferência, comunique-se com os outros membros do clã ao vivo e corpo a corpo;
- e) Fixe moradias simultâneas em várias casas e cidades. Evite apartamentos e condomínios: antros de visibilidade onde qualquer vizinho fofoqueiro ou espião talentoso pode lhe bisbilhotar com facilidade;
- f) Uma equipe de atores talentosos e bem-treinados garantirá o sucesso da maioria das ações iniciáticas mencionadas;
- g) O urubês deve ser um idioma aparentemente inofensivo, mas impenetrável para os não iniciados.

Irmandade Libertalia”